

Medéia: Ritos e Magia

Maria Regina Cândido

Abstract:

Through Medeia's mythical narratives we can reach shadows of practices and magic-religious rites which were part of the poliade organization. The Athenian passage rites marked the transition from the youth to adult age. After this ceremony the youth started to occupy their social places and assumed their responsibilities as a pólis member.

A variante do mito de Medéia utilizada por Eurípedes em 431 a.C. é vista por nós como uma tentativa de reflexão e de criação do poeta em face a acontecimentos contraditórios, então vivenciados pelos atenienses. A trajetória de Medéia, da Cólquida até Atenas, permite-nos entrever a imagem que a sociedade políade fazia de si mesma, em oposição à imagem do outro situado fora do espaço da cultura helênica.

No Vº século a. C., a sacerdotisa de Hécate aparece com duplo aspecto: mulher bárbara e assassina-infanticida. Medéia, movida pelo amor a Jasão, comete uma série de crimes de morte. As transgressões cometidas por Medéia na Cólquida, após ter ajudado Jasão a conquistar o Velocino de Ouro, ao trair seu pai e utilizar-se da magia, foram ressaltadas na dramaturgia de Eurípides.

Apollodoro informa-nos que, ao fugir da Cólquida, Medéia, objetivando atrasar a perseguição, leva o seu irmão Absirto, mata-o e o esquarteja, jogando o seu corpo ao mar. O rei Aeetes, seu pai, interrompe a perseguição para recolher as partes do corpo do filho, o que permitiu a sua fuga com Jasão (Apollodoro: I, 9, 24).

A ofensa aos pais, na Grécia Clássica, constituía crime monstruoso que exigia um tratamento especial pelo fato de despertar a ira das potências subterrâneas (E. Dodds, 1988:40). Estas seriam as *Erínias* — seres alados e de natureza hedionda, conhecidas como *Fúrias*, com seus cabelos de serpentes e que em seu domicílio subterrâneo eram conhecidas como *Arai*

(Malditas). Estes seres alados defendiam a justiça familiar, saindo em defesa do sangue derramado de um parente, e sua vingança consistia em atormentar a vida do transgressor (H. Jones: 1989:2).

De acordo com as leis da Thémis e a religião grega, Medéia cometera duas graves transgressões: a primeira por ter desencadeado a desordem familiar, e a segunda por ter cometido crime de sangue, o que a colocava em estado de *hybris*, cuja mácula incidiria sobre ela e/ou sua descendência ou mesmo sobre a coletividade.

A sociedade grega concebia a família como sendo uma unidade primordial, base da organização *poliade* e da *paidéia* helênica. A vida do filho era um prolongamento da vida do pai porque este herdava as obrigações religiosas do grupo, as qualidades morais da família, a gerência do patrimônio e das transações comerciais do pai (E. Dodds: 1988:42).

Como sacerdotisa de Hécate, deusa protetora dos mortos, Medéia tinha conhecimento de que havia iniciado um processo de caos, ao desestruturar a família de seu pai e ao provocar a morte de seu irmão Absirto, e reconhecia a necessidade de restabelecer a ordem cósmica e de aplacar a ira das potências do mundo subterrâneo.

Medéia tinha acesso a dois espaços distintos: a um espaço sagrado, o dos deuses, e a um espaço profano, o dos homens. Para o pensamento mágico-religioso dos helenos, ambos formavam mundos opostos, porém complementares. Os dois espaços apresentavam-se distintos, com naturezas específicas, hostis (J. J. Wunenburger, 1981:81). Para o leigo, o contato direto com o espaço sagrado revela uma transgressão de algo que se revestia de interdito, mas para o sacerdote ou o feiticeiro este contato significava um momento de iniciação e um ritual dos mistérios (Idem, 1981:76).

A ligação entre estes dois espaços ocorria por meio de ritos e o iniciado no culto de mistérios sabia como passar de um espaço a outro sem o perigo de trazer a contaminação para si ou para a comunidade em que vivia. Da mesma forma, podemos compreender que o tempo sagrado dos ritos apresentava-se como um tempo circular, reversível e recuperável (M. Eliade, s/d: 81).

A seguidora de Hécate, como praticante da magia, necessitava restabelecer a ordem e a harmonia entre o tempo sagrado, de sacerdotisa, e o tempo profano, de mulher. Isto porque, a seqüência harmônica deste tempo estava ligada à sua própria existência, isto é, teria um início, meio e fim. De acordo com Arnold van Gennep, a existência de um indivíduo, inserido numa sociedade antiga, era regida por etapas. Estas marcavam as mudanças de uma idade a outra ou de um *status* social a outro e eram

acompanhas por ritos e cerimônias mágico-religiosas (A. Gennep, 1977: 26) que significavam um reconhecimento público da mudança efetuada. O *kosmos* do feiticeiro seguia o mesmo processo, formando um ciclo, que através de ritos e invocações visava colocar cada coisa no seu devido lugar (P. Monteiro, 1986: 51). Ao término do ciclo, a sacerdotisa abria a possibilidade de recomeçar uma nova vida, recriando uma nova existência, em uma outra região e com reservas de forças vitais (M. Eliade, s/d:91).

Medéia tinha conhecimento da necessidade de assegurar, proteger e garantir o êxito desta sua nova condição de mulher e esposa. Mircea Eliade acrescenta que o sacerdote reatualizava a cosmogonia através dos ritos de passagem, porque todas as vezes que ocorria uma mudança de região ou de categoria social, ele assegurava o início de uma nova existência propícia a si mesmo (M. Eliade, s/d: 92). O indivíduo, ao praticar os ritos, aproximava-se do tempo sagrado dos deuses e também do tempo profano dos homens. Desta forma, as cerimônias mágico-religiosas buscavam fazer com que o rito de passagem não perturbasse a vida social, reduzindo qualquer prejuízo que tal mudança pudesse acarretar (A. Gennep, 1977:33).

Logo, a instalação de uma nova região e/ou uma nova vida equivalia ao redimensionamento do *kosmos*. No caso de Medéia, a reatualização do *kosmos* nasceu através da imolação de um ser, de uma vida submetida a um ritual de sacrifício sangrento.

Partindo-se deste princípio, pode-se interpretar que a morte de Absirto ocorreu no tempo sagrado, porque a presença da água do mar indica-nos ser um ritual de purificação e a nave *Argos* simbolizou o ato de partida para uma nova existência. No relato mítico de Medéia, a morte do irmão pode ser apreendida como um ritual que significava o fechamento de um ciclo na vida da sacerdotisa, ou seja, um rito de passagem através do qual Medéia deixava a fase de infância para assumir a sua nova condição de mulher e esposa. Não se pode esquecer que seu irmão representava a linhagem paterna, cujas relações a sacerdotisa de Hécate deveria romper, através de morte ritual, a fim de estabelecer uma nova organização familiar. Após a concretização do rito, Medéia assegurava para si uma vida feliz ao lado de Jasão.

A narrativa mítica de Medéia permite-nos entrever as práticas e os ritos mágico-religiosos que faziam parte da organização *poliade*. Em Atenas, como nas demais sociedades (antigas e modernas), os ritos de passagem marcavam a transição dos jovens para a idade adulta. A partir desta cerimônia o/a jovem passava a ocupar o seu lugar social e assumia as suas responsabilidades como integrante da *pólis*.

Analisando-se os ritos de passagem, podem-se entrever os espaços que a sociedade helênica estabelecia, tanto para o homem quanto para a mulher. Para esta, a cerimônia simbolizava o *pró tou gamou*, ou seja, a preparação da adolescente para o casamento. Somente através do matrimônio a mulher grega conquistava o seu lugar social: primeiro como esposa do cidadão, e em seguida como mãe, ao gerar filhos legítimos para a comunidade em que vivia.

Em Atenas, esta preparação para o matrimônio ocorria no templo de Atená (espaço urbano) onde as jovens de cinco a dez anos de idade (*pequenas ursas*) e de sete a onze anos (*arrhéphores*) eram iniciadas nos rituais religiosos e na manutenção das oferendas votivas a deusa. As jovens completavam seus conhecimentos religiosos fora dos limites da *pólis* (espaço essencialmente feminino), no santuário da deusa Artemis/Brauron. Neste santuário, as mulheres ofereciam seus melhores trabalhos em tecidos à deusa, e as jovens adquiriam conhecimentos sobre o período do parto (P. Brulé, 1994: passim).

De acordo com Pierre Brulé, nos dois espaços sagrados as mulheres idosas ensinavam às mais jovens os trabalhos de tecelagem, a preparação de doces e grãos a serem ofertados às deusas. Como se pode observar, a aprendizagem era composta por um conjunto de atividades domésticas, a terem continuidade no espaço do *oikos*, destinado aos deuses e à família.

Os adolescentes, participantes dos ritos de passagem, tinham a sua iniciação desenvolvida nos santuários urbanos, nos templos e em fortificações localizadas nas regiões fronteiriças ao território Ático, e visava a preparação do jovem na defesa das *hieras* (coisas sagradas). Ao final destes ritos, o jovem era considerado um indivíduo em idade adulta, com plena capacidade para assumir a sua cidadania (R. Lonis, 1994: 36), o que significava a aquisição de direitos políticos, a condição de contrair matrimônio, a obrigação de gerar filhos legítimos do sexo masculino e a defesa do território dos ancestrais.

Para ambos os sexos, a prática dos ritos de passagem determinavam a mudança de categoria e de espaço social destinado a cada um, no conjunto da sociedade. Ao homem, a sociedade grega estabelecia seu lugar no espaço público, como se pode observar através desta relação:

- o esporte - no Ginasium
- a oratória - nas Assembléias e na Ágora
- a guerra - nos extremos do território
- a política - *Diké – Arché*

Em contrapartida, cabia à mulher atuar no espaço privado, para o exercício das atividades domésticas como fiar, tecer, preparar o pão e cuidar dos filhos.

De acordo com Alain Moreau, as cerimônias de ritos de passagem estavam presentes em diferentes regiões da Grécia, como Esparta, Cócira, Corinto e Atenas, o que nos leva a pressupor que o mito de Medéia foi preservado pelos gregos à medida que resguardavam as tradições helênicas. Dentre estas tradições e costumes, a narrativa mítica, deixa transparecer que os integrantes da *pólis*, tinham suas existências regidas por ritos e cerimônias que os acompanhavam do nascimento até ao funeral. A cada etapa sucessiva de sua existência, um ato especial marcava esta passagem. O ato religioso visava reafirmar o lugar social de cada sexo e o relacionamento propício com os deuses e com as potências do mundo subterrâneo, e o meio utilizado para este fim era as práticas mágico-religiosas.

A magia e a religião reafirmavam as tradições *políades*, integravam os indivíduos na sociedade, estabeleciam uma relação harmônica dos jovens com os seres sobrenaturais e com a coletividade.

Como se pode observar, através dos ritos de passagem, magia e religião coexistiam de maneira harmônica, visando afastar o que pudesse perturbar a existência dos(das) jovens junto à comunidade da qual passavam a fazer parte. Ambas transitavam pela esfera do sagrado e eram parte integrante da cultura helênica.

Documentação Textual:

APOLLODORO. *Biblioteca*. Madrid: Gredos, 1973.

EURÍPIDES. *Medéia*. Trad. Jaa Torrano, São Paulo: Hucitec, 1991 (portuguese).

Bibliografia:

BRULE, Pierre. *La cité grecque à l'époque classique*. Paris: Université de Rennes, 1994.

DODDS, E. R. *Os Gregos e o Irracional*. Lisboa: Gradiva, 1988.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. Lisboa: Livro de Brasil, s/d.

- GENNEP, Arnold van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LLOYD-JONES, Hugh. "Les Erinyes dans la tragédie grecque". In: *Revue des Etudes Grecques*. Paris: Les Belles Lettres, TOME CII, 1989, pp. 1-9.
- LONIS, Raoul. *La cité dans le monde grec*. Paris: Ed. Nathan, 1994.
- MONTEIRO, Paula. *Magia e Pensamento Mágico*. São Paulo: Ática, 1986.
- WUNENBURGER, J.J. *Le Sacre*. Paris: Universitaire de France, 1981.